

A porta da felicidade

O Governo, ontem à noite na Granja do Torto, "desafifou" em bloco, e agora está entre votar em Fernando Collor de Mello e Leonel Brizola. Tudo, menos Luiz Inácio Lula da Silva, que inspira temor e pouca simpatia para o recebimento de votos do sistema oficial, especialmente dos "moderados" do PMDB. Não se imagina a cena: o ministro Roberto Cardoso Alves fazendo profissão de fé petista. Seria demais para a já conturbada campanha. Com a redução das alternativas, sobram apenas Collor e Brizola para receber o apoio da massa votante dos "moderados", já que a presença de Waldir Pires na chapa do deputado Ulysses Guimarães continua afastando as bases governistas do partido de seu candidato.

A opção por Collor e Brizola aproximará as áreas do PMDB governista daquelas liberadas pelo PFL para votar em quem quiser. Collor terá vantagem no recolhimento desses naufragos, e com eles começará a treinar a montagem de seu dispositivo político no Congresso, caso se eleja. Isso quer dizer que a caturrice de Waldir Pires e o rigor ético de Aureliano Chaves terminarão por empurrar importantes apoios para Fernando Collor e, em segundo plano, Leonel Brizola.

O pior nisso, para o PMDB, é que o candidato Ulysses Guimarães poderia recuperar suas chances, agora, no período final da campanha, pela disseminação do medo das bases numa hipotética eleição de Lula. Mesmo Collor inspira temor nessas bases, segundo testemunha o presidente da Câmara,

deputado Paes de Andrade.

O governo Sarney, após o problema criado por Aureliano Chaves, passa a não ter mais candidato preferencial, como teria em Afif Domingos. Afif não mais representa para o governo uma opção de vitória, nem mesmo Paulo Maluf, seu natural substituto dentro da faixa conservadora. Maluf reduz-se a um fenômeno paulista, não conseguindo despertar os demais colégios eleitorais, como Minas, Rio e Nordeste. Seu nome também encontra fortes resistências dentro do Governo.

Sem Afif, uma parte do Governo — como o ministro Antônio Carlos Magalhães — deixará à mostra que sua opção por Collor foi acertada. Afinal, o candidato está estancado com 31 por cento do Ibope, e a soma das duas candidaturas que o seguem não é suficiente para superá-lo. Em três semanas, até a eleição, será impossível que Collor perca sua condição de já eleito para o segundo turno.

Despedindo-se de Afif, o Governo também se despede do exercício da pajelança política. O presidente Sarney nada teve a ver com a orquestração da candidatura Sílvio Santos, como a imprensa informou. Tudo foi coincidência de datas e da ação de protagonistas próximos a Sarney, como seu secretário particular, Augusto Marzagão. A essa altura do campeonato, Sarney não se envolveria em jogadas de alto risco e baixo proveito. Meter-se numa aventura dessas poderia custar a Sarney um ato final melancólico, que mancharia sua biografia com a porta da felicidade, na qual não entraria.